

# CRIATIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

PRESIDENTE DA REPÚBLICA: Dilma Vana Rousseff  
MINISTRO DA EDUCAÇÃO: Aloizio Mercadante

**SISTEMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL**  
DIRETOR DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA COORDENAÇÃO DE  
APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES:  
João Carlos Teatini de Souza Clímaco

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE  
UNICENTRO**

REITOR: Aldo Nelson Bona  
VICE-REITOR: Osmar Ambrósio de Souza  
DIRETOR DO CAMPUS SANTA CRUZ: Ademir Juracy Fanfa Ribas  
VICE-DIRETOR DO CAMPUS SANTA CRUZ: Darlan Faccin Weide  
PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP: Marcos Ventura Faria  
COORDENADORA NEAD/UAB/UNICENTRO: Maria Aparecida Crissi Knüppel  
COORDENADORA ADJUNTA NEAD/UAB/UNICENTRO: Jamile Santinello

**SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

DIRETOR: Carlos Alberto Marçal Gonzaga  
VICE-DIRETORA: Elieti Fátima de Gouveia

**CHEFIA DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO/IRATI**

CHEFE: Laura Rinaldi de Quadros  
VICE-CHEFE: Mauricio João Atamanczuk

**COORDENAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E  
FORMAÇÃO EMPREENDEDORA MODALIDADE A DISTÂNCIA**

COORDENADORA DO CURSO: Sérgio Luís Dias Doliveira  
COORDENADORA DE TUTORIA: Monica Aparecida Bortolotti

**COMITÊ EDITORIAL DO NEAD/UAB**

Aldo Bona, Edelcio Stroparo, Edgar Gandra, Jamile Santinello, Klevi Mary Reali,  
Margareth de Fátima Maciel, Maria Aparecida Crissi Knüppel,  
Rafael Sebrian, Ruth Rieth Leonhardt.

SHEILA FABIANA DE QUADROS

# CRIATIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

REVISÃO ORTOGRÁFICA  
Daniela Leonhardt  
Maria Cleci Venturini  
Soely Bettes

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO  
Andressa Rickli  
Espencer Ávila Gandra  
Luiz Fernando Santos

CAPA  
Espencer Ávila Gandra

GRÁFICA UNICENTRO  
180 exemplares

Nota: O conteúdo da obra é de exclusiva responsabilidade dos autores.

# SUMÁRIO

---

INTRODUÇÃO	07
A CRIATIVIDADE COMO COMPETÊNCIA HUMANA	09
A POTENCIALIZAÇÃO DA CRIATIVIDADE	13
CRIATIVIDADE PARA RESOLVER PROBLEMAS	17
CRIATIVIDADE PARA IMPLEMENTAR O NOVO	25
CRIATIVIDADE INDIVIDUAL	29
CRIATIVIDADE EM COLETIVOS HUMANOS	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37



# INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea nos remete a refletir acerca de nossos papéis diante do atual contexto educacional, social, cultural, dentre outros.

De acordo com as mudanças vividas em nosso atual contexto social, nos vemos praticamente convidados, constantemente, a rever determinados aspectos de nossas vivências, o que interfere significativamente também no desenvolvimento de nossas atividades laborativas, que é, na verdade, o lócus onde temos a maior necessidade de inovar, implementar e criar novas ações em prol do melhor desempenho de nosso trabalho.

O texto que se propõe, neste espaço, diz respeito ao estudo da criatividade como uma atividade tipicamente humana, partindo da análise de seu conceito e estendendo-a para as diferentes maneiras que estas se manifestam em nossa vida cotidiana.

No decorrer do texto, serão apontados vários enfoques acerca dos estudos realizados sobre a criatividade em espaços diferenciados, tendo ênfase no ambiente escolar, pois constitui um dos principais influenciadores desta questão como espaço educacional.

Diante destas circunstâncias, a criatividade, no atual contexto educacional e social, abarca, em sua essência, e também para fins de estudos, a influência de fatores sociais, culturais e históricos em seu desenvolvimento. Ainda, deve vir articulada à preocupação da criatividade em ambientes coletivos, valorizando o compartilhamento de ideias e as criações coletivas, superando a

visão antiga que prende-se à valorização de apenas algumas pessoas como se as demais não pudessem utilizar e ou potencializar seus ideais criativos.

Podemos salientar que o estudo sistemático da criatividade, focado no fenômeno educativo, é relativamente novo, tratando-se de uma temática que começou a ganhar destaque em algumas pesquisas esporádicas na década de 1950.

Relativamente, podemos dizer que a própria valorização do estudo da criatividade, na esfera educacional, faz menção ao contexto social ao que todos nós nos encontramos, articulada à ideia de que o ser humano pode produzir sempre mais, constituindo-se como um ser ativo em todas as especificidades, e não meramente um expectador de sua própria vida.

Estamos imersos na sociedade do conhecimento e, como tal, não podemos interagir com esse meio sem ao menos nos adequar às diferentes maneiras em que a sociedade se estrutura.

Neste ensejo, partiremos a um estudo detalhado das maneiras em que a criatividade humana se manifesta, bem como do que integra a potencialidade criativa humana em suas especificidades, tais como nos aspectos da individualidade e da coletividade, da autonomia e das particularidades que integram cada personalidade e cada contexto em si.

Em suma, o texto segue organizado em seis enfoques acerca da criatividade, salientando que todos vêm articulados e interdependentes.





# A CRIATIVIDADE COMO COMPETÊNCIA HUMANA

**N**ão há como iniciarmos um diálogo sobre criatividade sem ao menos mencionar acerca de seus conceitos, visto que, de fato, não há certamente um único conceito de criatividade, de acordo com os autores que discutem a temática e com o posicionamento que se pretende neste texto.

Pensar a criatividade requer que a entendamos num contexto maior, ou seja, nos remete a refletir como seu conceito emerge na vida humana e como se manifesta na dinâmica de vida dos homens.

Segundo estudos recentes, o termo criatividade é proveniente do termo latino “creare” que significa fazer, e do termo grego “krainen” , que significa realizar, ou seja, se tomarmos, num primeiro momento, esta definição para perceber como a palavra “criatividade” traz consigo um significado maior que aquele posto pelo dicionário formal, pois a criação deve ser acompanhada pela realização de algo.

Em outras palavras, o sentido do conceito de criatividade incorpora certa consistência ao termo, quando a valida dentro de um contexto de ação criativa.

É uma palavra que, segundo Feldman, Csikszentmihalyi e Gardner (1994), parece estar em toda parte, com distintos significados. Alencar (2001), Alencar e Fleith (2003), Uano (2002) sinalizam que não há acordo sobre o

referido conceito, o qual tem sido usado em diferentes níveis de extensão e profundidade.

Podemos observar que, nos dicionários, a palavra criatividade se apresenta como faculdade de criar, e criar significa produzir algo do nada, já a questão de ser criativo se estende àquele que possui ou estimula a capacidade de criação, invenção.

Nickerson (1999) realça que a criatividade é tipicamente definida em termos do resultado de uma atividade: pessoas criativas são pessoas que produzem produtos criativos.

De acordo com o autor acima, podemos dizer que a criatividade surge intimamente articulada às questões do processo criativo que, na verdade, constitui-se como algo tipicamente humano, uma atividade de produção do novo, da descoberta, da autonomia, da produção.

Podemos dizer que até mesmo um animal pode ser treinado para cumprir com determinadas tarefas, porém, a atividade desta natureza se faz quando temos estímulos positivos apenas, diferente do ser humano, que além de receber estímulos como vantagens, pode, ainda, descobrir novas formas de agir e saber das respostas a cada trabalho, a cada atividade, ou seja, o que diferencia o ser humano em seu potencial criativo em relação aos outros animais é, essencialmente, a capacidade de criar e a sua relação com o trabalho.

Apesar de não ser nosso foco de discussão nesse momento, podemos perceber que há uma intrínseca relação entre a atividade humana em geral e a sua relação com o mundo do trabalho, e ainda, com as relações interpessoais que se desenvolvem nas relações sociais de todo indivíduo.

De acordo com Alencar (1997, p.8 )

se o indivíduo se percebe e se avalia como competente, capaz e criativo, ele tende a ter mais confiança em expressar idéias e em exibir comportamento criativo. Por outro lado, se o indivíduo se percebe como incapaz e não criativo, esta percepção irá refletir em suas ações, limitando as possibilidades de uma expressão mais plena de seu potencial e talento.

Sabemos da importância da relação de convivência entre os seres humanos, o que se percebe como algo inevitável a qualquer pessoa, ou seja, ninguém sobrevive sem relacionar-se com outras pessoas.


A interação entre os seres humanos contribui de maneira significativa para o aprimoramento das questões relacionadas à criatividade e à ação criadora, visto que, em ambos os casos, há necessidade de envolver outras pessoas na execução dessas ações.

Podemos salientar, neste momento, que o ambiente tem papel fundamental, tanto para a emergência quanto para a repressão da criatividade. Os fatores de bloqueio à criatividade podem ser agrupados em categorias, como barreiras perceptivas, culturais, ambientais, emocionais, intelectuais e expressivas, ou de ordem social, ligadas a valores, normas e pressupostos existentes na sociedade (Alencar e Martinez, 1998).

De maneira bastante resumida, podemos dizer que a criatividade depende tanto de fatores internos como fatores externos, variando de indivíduo para indivíduo, e assim, a influência das condições ambientais somam um importante elemento na ação criativa, aliada às questões de ordem individual.

Sendo assim, passaremos a discutir as questões da criatividade, enquanto potencial humano e sua ação inovadora.





# A POTENCIALIZAÇÃO DA CRIATIVIDADE

**D**e acordo com Alencar (1993), ao descrever a psicologia humanista, reafirma que a criatividade é a realização dos potenciais do ser humano. Para isso o sujeito deve possuir três características: receptividade à experiência, com maior permeabilidade a novos conceitos, opiniões, percepções e hipóteses; sintonia com o momento presente, permitindo adaptação e organização contínua de sua personalidade; e confiança em seu organismo como meio de comportar-se satisfatoriamente em cada momento de sua existência.

Uma das maiores responsáveis pela ampliação e exploração da capacidade criativa se encontra no ambiente em que cada indivíduo vive, como exemplo, poderemos tomar, para fins de estudo, os ambientes institucionais, tal como a escola, que inevitavelmente trabalha o indivíduo em todas as suas especificidades, tal como a capacidade criativa.

Para Wechsler (2001, 2002), um professor criativo é aquele que está aberto a novas experiências e, assim sendo, é ousado, curioso, tem confiança em si próprio, além de ser apaixonado pelo que faz.

Quando um profissional da área da educação demonstra gostar do que faz, e estar na profissão almejada, é visível o desempenho de sua atividade partindo de uma postura de mediador e promovedor de desempenho de potencialidades, deixando de lado a conservação de paradigmas anteriormente vistos como insubstituíveis.

Uma maneira de estimular e potencializar a capacidade criativa, tanto dos professores como dos alunos, encontra-se na superação das concepções tradicionais de ensino, as quais eram extremamente voltadas para a repetição e memorização dos conteúdos curriculares, deixando de lado a imaginação, a criatividade e a exploração da individualidade dos sujeitos, ou seja, seria a superação de uma concepção de ensino fragmentada, isolada e que certamente não levava em consideração todas as experiências de cada indivíduo.

Uma das mudanças que podem contribuir significativamente para que o professor altere sua prática, está presente na maneira com que o mesmo possibilita a criatividade em sala de aula, bem como nos demais espaços em que o mesmo possa trabalhar com seus alunos.

Exemplos típicos dessas atividades seriam aquelas em que o professor ouve ideias diferentes dos alunos e dos demais colegas, e possibilita a troca de experiência, bem como a interação entre as partes envolvidas.

Outro fator de extrema importância neste contexto, concentra-se quando o professor permite que seus alunos criem seus próprios projetos, de maneira que estimulem o questionamento, dando-lhes tempo para pensar e enfocar testes para elencar hipóteses, sucessivamente.

Outro exemplo dessa prática seria a do professor criar um ambiente de sala de aula que ofereça segurança e estimule constantemente a criatividade, sem pressões de tempo, espaço ou outro, mas desempenhando atividades que conotem segurança, o que além de os capacitar a continuar criando sempre, fará com que os alunos sintam segurança e equilíbrio em suas ações.

Por fim, o professor deverá usar de críticas em seu ambiente de trabalho junto dos alunos, mas estas deverão vir sempre acompanhadas de aspectos positivos em razão dos objetivos maiores que são, na verdade, a produção acadêmica dos alunos.

Também Cropley, apud Alencar (1997-2005), chama a atenção para comportamentos típicos do professor estimulador da criatividade, como: encoraja o aluno a aprender de forma independente; motiva seus alunos a dominar o conhecimento fatural, de tal forma que tenham uma base sólida para propor novas ideias; encoraja o pensamento flexível em seus alunos; considera as sugestões e questões deles; dá oportunidades ao aluno para trabalhar com uma diversidade de materiais e sob diferentes condições; ajuda os alunos a aprender com a frustração e o fracasso, de tal forma que tenham coragem para tentar o novo e o inusitado, e promove a auto-avaliação pelos alunos.

O professor que adota uma postura de estimulador da aprendizagem em sala de aula, faz com que os alunos pensem, inovem suas ideias e ainda desenvolvam e aprimorem seus pontos de vista, façam escolhas e principalmente, valorizem tudo aquilo que for criativo.

Outro fator primordial se encontra quando o professor prioriza aquilo que o aluno sabe e produz, ao invés de apenas se manifestar quanto aos erros ou supostos erros cometidos pelos alunos.

Em outras palavras, o professor que prima pela aprendizagem e pelo potencial criativo foca sua atividade docente como promoção individual dos alunos, prevê oportunidades e prioriza as pequenas conquistas dos mesmos.

De acordo com Fleith (2001), o professor não rechaça o erro, mas o vê como etapa do processo de aprendizagem; considera os interesses, habilidades e provê oportunidades para que os alunos se conscientizem de seu potencial criativo; cultiva o senso de humor em sala de aula; demonstra entusiasmo pela atividade e disciplina que ministra.

A autora nos revela que o professor que almeja promover a criatividade, certamente, será aquele que valoriza cada produção do aluno, buscando com isso reforçar as potencialidades dos alunos em todas as esferas.

A autora também ressalta (2001, p. 57) que o professor facilitador da criatividade procura promover um clima, em sala de aula, em que a experiência de aprendizagem seja prazerosa.

Para haver, de fato, um estímulo á criatividade, o professor deverá pensar no ambiente de sua sala de aula de maneira a estimular criações novas, novos produtos, novas conquistas e novos espaços, estando dessa forma, fugindo da rotina das atividades escolares, ou seja, há como se explorar o currículo pleno sem deixar de lado a criatividade individual e coletiva.

Ainda, Fleith; Alencar, (2005, p. 5) contribuem dizendo que se pode desenvolver, nos alunos, a habilidade de pensar em termos de possibilidade, de explorar consequências, de sugerir modificações e aperfeiçoamentos para as próprias ideias.

O professor que trabalha numa perspectiva de criatividade, não se abate pelas limitações do contexto onde se encontra e onde desempenha sua prática docente, mas sim, busca desenvolver no aluno a solução de problemas reais.

Podemos salientar, nesse momento, que a escola se constitui como o ambiente em que, tanto se propaga a capacidade criativa dos alunos como se desempenha a ação criativa dos professores, pois, muitas vezes, é de sua prática que se configura e potencializa a atividade criadora dos alunos.

Desta forma, cabe aos professores buscar sempre a inovação, o desejo de ampliar sua capacidade criativa e de seus alunos, o que não significa romper com as regras e normativas institucionais, mas adaptar o seu sistema de ensino de forma que priorize a capacidade individual na coletividade.







# CRIATIVIDADE PARA RESOLVER PROBLEMAS

**É** incontestável a importância das grandes mentes criativas na evolução da humanidade, posto que a revolução tecnológica gerou-se nas invenções que mudaram e facilitaram a vida do ser humano. Tais invenções só foram possíveis pela capacidade que os inventores possuíam de antever possibilidades de inovação e de criar caminhos para a execução.

Além de uma mente criativa, os sujeitos inventivos e inovadores contaram com um ambiente pleno de estímulos que os levaram a desenvolver suas potencialidades e suas características criativas.

Atualmente, na era do conhecimento, a criatividade que gera um potencial inovador é de suma importância para a sobrevivência do sujeito no mercado de trabalho e na inserção neste contexto em que as informações e as mudanças fluem com uma rapidez alucinante e constante.

Para a expansão do potencial criativo nas organizações, Amabile (1999), ao estudar o ambiente de ação do trabalhador, indica seis categorias de práticas gerenciais que proporcionam a criatividade: desafios, liberdade de expressão, recursos à disposição do profissional, características dos grupos de trabalho, encorajamento pela supervisão e apoio organizacional.

Entretanto, será que isto basta para que todos possam agir e produzir com criatividade? Para além da criação desses espaços criativos há que se saber

como aproveitá-los da melhor maneira e, nem todos, estão aptos a utilizá-los de forma adequada ou correta. Muitas vezes não o fazem porque nunca tiveram este lado da criatividade despertado, educado ou estimulado.

É possível aprender criatividade? Como a escola pode contribuir para essa construção?

A escola é uma das instituições que mais podem contribuir para que a criatividade seja não só aprendida, mas sim, praticada, a fim de promover a educação necessária para transformar os educandos em cidadãos capazes de enfrentar os desafios de uma sociedade em constante mudança.

Para isso, se faz necessário vencer alguns desafios no interior da escola. O primeiro desafio é vencer a visão da escola como repassadora de conteúdos. O entendimento de que o descompasso entre formato organizativo que a escola continua a perpetuar e a realidade profundamente diferente que os tempos atuais estão exigindo gera a percepção de que não é possível, continuar a conceber o currículo de forma estática, repassar os conteúdos de forma fragmentada e descontextualizada, manter a organização e modelos de trabalho a partir de um único padrão centralmente definido e fazer com que os alunos aprendam as mesmas matérias, no mesmo ritmo e na mesma proporção. Essa reflexão serve de fundamento para busca de projeto que rompa com o isolamento da escola, que esta se transforme em instrumento de luta contra as formas instituídas e os mecanismos de poder e que promova a autonomia da escola, dos educadores e dos educandos.

O segundo desafio é pensar o educando como centro do processo pedagógico e administrativo. Processo que requer pensar outra estrutura para a escola, um novo olhar para o educando e para o trabalho docente, uma outra relação com o exercício da didática e com o fazer curricular. A gestão da escola desenvolve, nesse sentido, uma característica de atuação que organiza, mobiliza e articula condições materiais e humanas necessárias para que os sujeitos do processo aprender-ensinar possam potencializar a educação, e para esta “potencializar-se plenamente enquanto ação comunicativa é importante que os saberes científicos, os valores culturais, as normas sociais, enfim, tudo o que é apresentado como conhecimento, seja percebido como entendimento historicamente construído, passível de revisão” (BOUFLEUR, in MEDEIROS, 2009, p.5)

Pensar o educando como centro do processo educativo requer a superação de pensá-lo como um ser a ser preparado para o futuro, como se fosse um cidadão sem presente. Nessa prática toda a aprendizagem é vista como um acúmulo de conhecimento para o futuro: para compreender conteúdos das séries seguintes, passar no vestibular, para a obtenção de um bom emprego, para a formação de sua cidadania que se dará quando se engajar na vida social e assim por

diante. É a nulidade do ser presente, do agora, é subtrair do educando a possibilidade “de formar a curiosidade, a paixão de aprender, a emoção e a vontade de conhecer, de indagar a realidade em que vivem, sua condição de classe, raça, gênero, sua idade, corporeidade, memória coletiva, sua diversidade cultural e social...” (ARROYO, 2004, p.34)

Se não conseguirmos compreender o educando como um sujeito histórico, do seu conhecimento, sua imagem acaba sendo associada á questão da imaturidade, o que pode deduzir que precisam ser tutelados por alguém, ser conduzido por não possuir condições de prover sua própria aprendizagem e condução de suas ações.

Encarado como “possibilidade de um vir a ser, é a potência do que será no futuro” (Kohan, 2003, p.11), sua vida presente não é respeitada, não tem um sentido em si e dessa forma, inúmeras vezes, temos uma escola unilateral, com o silenciamento da voz do educando.

É no sentido de superar esses desafios que proporcionar aos educandos um ambiente criativo dentro da escola, pode vir a ser um processo de afirmação do aprendiz enquanto cidadão do presente, do agora e não somente do futuro, isto porque, esse aprendiz se coloca na condição de sujeito que assume sua parte de responsabilidade em um projeto educacional. Para isso a escola deverá lançar os problemas a serem compartilhados e resolvidos pelos educandos, dando-lhes liberdade de expressão, recursos e apoio para a resolução do problema e encorajamento. Deixar que os educandos possam resolver problemas do processo educativo no interior da escola resulta no exercício do seu potencial criativo e em “reconhecer os educando(as) como habitantes legítimos da escola” o que “implica em criar condições estruturais para que a ocupem como seu território” (ARROYO, 2004, p.34).

Se dentro das escolas forem suplantados métodos que privilegiam a obediência, a passividade e a dependência e, o aprendiz tiver a oportunidade de estar inserido em processo educacional que estimule a criação e a inovação nos indivíduos, já, no presente, dentro do ambiente escolar teremos um sujeito com um perfil marcado “pela autoconfiança, pela iniciativa, pela independência de pensamento e ação, pela persistência, pela coragem para correr riscos e habilidades para resolver novos problemas” (COTO, MORETTO e ANDRADE, 2009, p.228)

Assim, ao participar da resolução de problemas ou de tomar para si a tarefa de construção do seu conhecimento o educando adquire “condições do aprender a aprender e do saber pensar.” (DEMO, 1996, p.30) e habilidades e estratégias que lhes proporcionam a apreensão, por si mesmos, de novos conhecimentos e habilidades, tornando-se capazes de enfrentar situações

diferentes dentro de contextos diversificados, estando melhor preparados para adaptar-se às mudanças culturais, tecnológicas e profissionais do nosso tempo.

Para podermos demonstrar que esse procedimento é possível, uma escola de Portugal resolveu inovar, incentivar a aprendizagem de seus alunos pelo hábito da problematização e pela busca de respostas de suas próprias indagações e questionamentos.

Nesta escola, os aprendizes tomam os conteúdos como problemas/dificuldades a serem resolvidos, selecionam o tema que querem aprender, refletem sobre o mesmo.

Após a compreensão do problema/conteúdo, emerge a elaboração de um plano que permita a sua resolução, isto é, quais os procedimentos que deverão ser utilizados para que seja alcançada a meta final., depois com os recursos disponíveis, o apoio de professores e colegas e muita concentração se dedicam a aprender desse conteúdo.

Essa é a Escola da Ponte, localizada em Portugal, definida como uma escola pública de pequeno porte, alguns até a classificam como uma escola “engraçada”, pois a mesma foge dos padrões convencionais de estrutura.

Segundo Ledesma (2008, p.68)

não tem salas de aula, não tem turmas divididas por faixa etárias, não tem dia de prova e testes, não há manuais didáticos únicos para todos os alunos, não há toques de campainhas ou sinetas, mas tem música na sala de aprendizagem e têm crianças convivendo e aprendendo num mesmo espaço levando em consideração o interesse comum por um tema e a afetividade. Têm crianças que decidem o que e com quem estudar, tem professor, ou melhor orientador educativo, que conforme o professor Agostinho da Silva<sup>1</sup>, todos são professores de todos e cada um dos que sabem um pouco mais ensina os que sabem um pouco menos, o que muitas vezes pode passar ao visitante mais distraído a ideia de que na escola não há professores.

A referida escola começou a mudança partindo de passos fundamentais, como, por exemplo, interrogar e interrogar-se, utilizar-se da reflexão junto da ação.

Um primeiro momento que marcou essa prática deu-se quando das primeiras interrogações acerca das práticas educativas dominantes, questionando as convicções postas bem como alterando o cotidiano escolar que os permeava. Ainda, tiveram uma primeira conclusão de que para mudar é necessário ter mais interrogações que certezas.

1 Mestre citado por José Francisco Pacheco, diretor da Escola da Ponte, no artigo Escola dos sonhos existe há 25 anos em Portugal. In: ALVES, R. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir, 2006, p. 100.

Ainda de acordo com Ledesma (2008, p. 72)

O projeto emergiu com a certeza que era indispensável alterar a organização da escola e interrogar práticas educativas dominantes. A ação se nortearia pelos seguintes objetivos, que até hoje são a matriz axiológica do projeto educativo: concretizar uma efetiva diversificação das aprendizagens tendo por referência uma política de direitos humanos que garantisse as mesmas oportunidades educacionais e de realização pessoal para todos; promover a autonomia e a solidariedade; estimular a criticidade e a criatividade, intensificar a cooperação entre instituições e agentes educativos locais.

Na verdade, nada foi inventado na Escola da Ponte, mas sim, tal projeto se construiu baseado nas próprias incertezas e indagações sobre as práticas escolares e o cotidiano dos alunos, bem como na interlocução com autores como Paulo Freire, Piaget, Montessori, Ferrer, Neil, Carl Rogers, Vigotsky, Stenhouse, Agostinho da Silva, Rudolph Steiner, Freinet e outros educadores.

Na Escola da Ponte<sup>2</sup>, o aluno é reconhecido da maneira como é, o que o percebe como um ser único, insubstituível no meio em que vive. Assim, ele é recebido na escola junto da complexidade que o integra, é visto como um ser biopsicossocial, que está em permanente desenvolvimento, sendo valorizada a constante construção de sua identidade como sujeito em sua individualidade.

Em todo o trabalho pedagógico, valoriza-se a iniciativa, a criatividade e a responsabilidade.

Visto dessa forma, ele é tratado em todas as ações cotidianas da escola como alguém integrado à comunidade, bem como é conhecido por todos os pares da instituição, como educadores e demais agentes educativos.

O processo de criatividade individual é respeitado em todas as suas especificidades, pois em todos os momentos do processo pedagógico existe a participação efetiva dos alunos, tanto no que tange aos aspectos do projeto pedagógico da escola, como nas questões da seleção de conteúdos curriculares, na tomada de decisões, na orientação junto aos professores, no compartilhamento de dúvidas, nos erros e acertos na resolução de problemas, como em todas as demais atividades pedagógicas da escola.

O processo de gestão é compartilhado com toda a comunidade de alunos, e é este que organiza a gestão das suas atividades, definindo as suas áreas de interesse, o programa de conteúdos, estruturando sua aprendizagem por meio de projetos de pesquisa individuais bem como atividades em equipe/grupo.

---

<sup>2</sup> Todas as informações aqui registradas foram retiradas do Projeto Educativo da Escola da Ponte e informações contidas no site <http://www.eb1-ponte-n1.rcts.pt/> e de conversas com o professor José Pacheco.

Aí se encontra um importante diferencial da Escola da Ponte, pois o educando é responsável pela sua aprendizagem junto aos demais pares, ele é o principal sujeito do conhecimento, é corresponsável pela escola e tudo o que nela ocorre.

Mais do que um projeto de educação para a cidadania, o que verdadeiramente, distingue a Escola da Ponte é uma práxis de educação na cidadania. Essa clarificação é verdadeiramente fundamental para entender o que se passa na Ponte. O sentimento profundamente arraigado no indivíduo de pertença a uma comunidade e a consciência que dele decorre dos direitos e deveres que nos ligam aos outros não se aprendem nas cartilhas ou nos manuais de civismo, mas na experiência cotidiana de relacionamento e colaboração com os que estão mais próximos de nós. O civismo não se ensina e não se aprende (...), “entranha-se”, isto é, organiza-se e pratica-se no dia-a-dia, de forma permanente, consistente e coerente. E é na prática do civismo que resultam a aprendizagem e a consciência da cidadania. Há muito que a Ponte o percebeu – e age em conformidade. (ALVES, 2006, p.15) e.

Para que isso fosse possível, foi necessário compromisso e um projeto centralizado na individualidade de cada um. De acordo com Vasconcellos, “a Ponte é uma escola em que a pessoa é fundamento e finalidade do trabalho educativo”.

Na perspectiva pedagógica da Escola da Ponte, não existem séries de classificação, turmas, manuais, tampouco testes e aulas prontas, mas sim, os alunos promovem seu conhecimento a partir de pesquisa e desenvolvimento das atividades acadêmicas.

De uma forma geral, são os próprios alunos que organizam o que denominam Assembléia, que segundo Vasconcellos, 2006, p.02, são eles que que decidem as regras de convivência e de trabalho, bem mais difíceis de serem quebradas ou burladas que na organização tradicional, pois todos são responsáveis pelo seu estabelecimento e pelo seu cumprimento.

De acordo com Ledesma (2008) as regras são estabelecidas pelos alunos e pelos professores, bem como os mecanismos para trabalhar com aqueles que se recusam a cumpri-las.

O que ocorre de fato é que todos os direitos e deveres considerados fundamentais no âmbito escolar são discutidos de maneira a valorizar a decisão democrática e coletiva.

Como exemplo, podemos citar a lista organizada pelos próprios alunos voltada aos direitos e deveres que os mesmos consideram importantes, os quais são discutidos pelo grupo, reorganizadas coletivamente e posteriormente

votadas na Assembléia, que se constitui no momento em que professores e alunos se reúnem para eleger as prioridades da escola de maneira democrática.

A escola é organizada sem sala de aula, há lugares, mas não da maneira tradicional que conhecemos, e na atualidade a instituição é organizada por áreas, sendo que a subdivisão dos alunos é feita não por anos de escolaridade e sim, pelo trabalho em grupo heterogêneo de alunos de nestes grupos, a organização da gestão do tempo e dos espaços incentiva a interação entre professor e aluno bem como das possibilidades de aprendizagem.

Segundo Vasconcellos (2006, p.03) “estudo individual, ensino mútuo (entre alunos), ensino simultâneo (aula direta), ensino individual (professor atendendo aluno), ensino coletivo (vários professores atuando ao mesmo tempo na aula direta).

Os alunos gerem, quase com total autonomia, os tempos e os espaços educativos. Escolhem o que querem estudar e com quem. Como não há manuais iguais para todos, a biblioteca e as novas tecnologias de informação e comunicação são *lócus* de encontro, de procura e de troca de informação. Recorre-se, por vezes, às bibliotecas da autarquia, de familiares, de vizinhos ou de associações locais. E, como é evidente, os professores são também uma fonte permanente de informação, segurança, interrogações, afetos..Mais importante que os lugares e as fontes será compreender as dimensões do desenvolvimento do senso crítico (também relativamente à recolha e seleção de informação) e de fomento da partilha da informação no sentido da comunicação e do desenvolvimento de uma cultura de cooperação. (PACHECO, in ALVES, 2006, P. 106-107)

Logo após a primeira fase, que é denominada iniciação, todos os alunos aprendem compartilhando os mesmos espaços, sem considerar apenas a questão da faixa etária, mas sim, a afinidade, a vontade e a afetividade do grupo se manter unido pelos mesmos ideais.

A próxima fase é chamada de consolidação, que abriga os alunos com capacidade de realizar os trabalhos com autonomia, já dominando objetivos propostos no currículo.

De acordo com Ledesma (2008, p. 78) ao perfil de transição do Núcleo de Iniciação para a Consolidação estão: responsabilidade; relação positiva e de entreajuda; persistência e concentração nas tarefas; criatividade, participação e pertinência nas intervenções; auto-disciplina; resolução de conflitos, senso crítico e decisão fundamentada; concepção e desenvolvimento de projetos; análise e síntese, comunicação, TIC.

Resumidamente, o educando apresenta um plano quinzenal, indicando um título para seu projeto, bem como as suas sugestões para trabalhar e

apresentar na Assembléia, quais seriam as tarefas de sua responsabilidade, avaliação e auto-avaliação.

Por fim, expõem quais seriam as formas de registro das suas observações, sendo que o aluno assina seu plano, juntamente do professor tutor e do encarregado da educação.

Na terceira fase, os alunos gerem com total autonomia seu tempo escolar, de forma que a única área de exceção é a de Educação Física, justificada pela precariedade das estruturas na área.

Ainda, os alunos que estão no segundo ciclo do Ensino Básico, podem ser incluídos e envolvidos em alguns projetos complementares de extensão e enriquecimento curriculares, bem como cursos e formação de pré-profissionalização.

As responsabilidades aumentam a cada nível, bem como as manifestações de participação, sendo que os alunos devem perceber a responsabilidade do individual e grupal para o coletivo. No plano quinzenal, deverão apresentar o título do projeto coletivo, as tarefas e deveres a serem cumpridos, o grupo de responsabilidade, de que forma a escola participará do projeto e se envolverá, novas sugestões a serem apresentadas na Assembléia, e por fim o registro e a análise das avaliações.

De acordo com Vasconcellos, o currículo na Escola da Ponte está “efetivamente organizado para contemplar a pessoa, a partir de seu cotidiano.” Na sua prática elementos como convivência, conflitos, descobertas, formas estão presente, sempre centrada na pessoa, reconhecendo que “a vida é agora; é certo que na tensão entre passado (memória) e o futuro (projeto) (cf. Hannah Arendt), mas no presente” (ALVES, 2006, p. 02)

Diante do proceder desta escola percebemos a criatividade, por meio de uma metodologia de resolução dos problemas e que esta pode e deve ser trabalhada por meio de uma proposta metodológica que seja capaz de potencializar habilidades e talentos humanos, não privilegiados em metodologias que enfatizam a memorização, a repetição, a fragmentação na aquisição do conhecimento. Percebemos também, a importância de potencializar o aspecto formador, inovador e de liberdade de criação dos educandos na tentativa de solucionar os problemas e situações impostas pelo pesquisar, estudar, concentrar e aprender.





# CRIATIVIDADE PARA IMPLEMENTAR O NOVO

**É** certo que em qualquer atividade humana existe a vontade de inovar, mas esta, muitas vezes, vem acompanhada de outros fatores que podem estar relacionados à própria personalidade dos sujeitos, e, vem articulada a fatores oriundos da sua própria convivência com outros grupos sociais, tais como a família, amigos e demais grupos aos quais o indivíduo pertença.

Atualmente, admite-se que são inúmeros os fatores que influenciam diretamente a questão da criatividade.

Dentre os fatores acima citados, encontramos alguns que dizem respeito ao próprio indivíduo, outros, às questões do ambiente em que os sujeitos convivem ou integram, além de estarem relacionados à dimensão histórica e cultural da sociedade. (ALENCAR, 2001,a)

Em virtude disso, vários estudos, encontrados na sociedade atual, apontam diversos fatores que podem bloquear o desenvolvimento e a expressão da criatividade.

Dentre outros autores, podemos citar a título de conhecimento (Alencar, 1998, 2001a; Alencar & Fleith, 2003c; Fleith, 1994; Faria & Alencar, 1996; Alencar, Fleith & Martínez, 2003, Von Oech, 1999) que classificam os fatores de criatividade de maneiras distintas.

Alencar (1998, 2001a, 2001b) considera que as barreiras podem ser de natureza perceptual, cultural e emocional.

Já, para Wechsler (1993), as barreiras internas ao potencial criativo são fruto de experiências vivenciadas pelo indivíduo e influenciadas pelo meio.

As barreiras apontadas, no texto, surgem intrinsecamente relacionadas às diferentes dificuldades por que passam qualquer ser humano, mas, geralmente, chegam intimamente ligadas a fatores de ordem emocional, social, cultural, bem como às questões intelectuais. Assim, a ação criativa do professor pode estar associada a qualquer uma dessas condições, ou qualquer uma dessas naturezas.

Para Alencar (2001a), entre as barreiras de natureza emocional, destacam-se o medo de ser criticado, de cometer erros, falta de confiança nas próprias ideias, comodismo, insegurança, entre outras. Ou seja, para a autora, estes fatores podem influenciar as atitudes das pessoas de maneira considerável, muitas vezes não permitindo que algumas ações sejam realizadas.

Ainda, de acordo com Alencar (2001), em relação às barreiras de cunho cultural, a autora ressalta a concepção de fantasia e da reflexão como uma questão de perda de tempo, tradicionalmente vista como negação à mudança. Cita ainda a desvalorização às questões da intuição e dos sentimentos.

O contexto ambiental, como elemento importante no desenvolvimento da criatividade, pode ser tanto estimulador como inibidor da criatividade (Sternberg, 2006; Sternberg & Lubart, 1991, 1999).

Segundo Sternberg (2003), a criatividade é mais facilmente observada em crianças do que no público adolescente e adultos, justamente porque a criatividade destes últimos possivelmente é inibida pela sociedade, que engloba a conformidade intelectual, onde se seguem padrões e regras pré-estabelecidas.

Um exemplo nítido desta situação se encontra no próprio ambiente institucional, onde se manifestam questões de padronização de comportamentos e expressão, deixando de estimular a criatividade, o diferencial e a originalidade.

Outra situação bastante desconfortável se refere à necessidade que todo ser humano tem de ser aceito pelo grupo ao qual pertence, o que pode se configurar como uma barreira aos indivíduos, pelo receio em se tentar uma nova atitude ou propor novas ideias, quando se tem medo ou receio da reação das pessoas do grupo ao qual pertença.

Outro fator de extrema importância se encontra na expressão da criatividade ligada ao grau de autoconfiança e da concepção que cada indivíduo tem de si mesmo.

Segundo Alencar (1998), a maneira como o indivíduo se percebe, as crenças e sentimentos a respeito de si mesmo e de suas capacidades, aspecto

denominado autoconceito, afeta todas as áreas da personalidade do indivíduo, podendo tanto restringir como favorecer o desenvolvimento do próprio potencial criativo.

Podemos assim dizer que, de acordo com a concepção que cada pessoa possui de si e do grupo ao qual pertence, dependerá a elevação ou não de seu potencial criativo.

A respeito deste aspecto Fleith (1994, p.125) afirma que, se a pessoa se percebe como pouco criativa ou incapaz de gerar ideias, provavelmente, direcionará seu comportamento no sentido de confirmar esta auto-imagem.

Também para a mesma autora, todos os indivíduos precisam de um ambiente propício à formação de uma imagem positiva e segura de si, pois isso interfere consideravelmente naquilo que poderá fazer e alcançar.

Nesse sentido, tanto a figura representada pelo professor como o que o próprio ambiente da escola, representa para o sujeito, ou seja, tanto pessoas quanto o ambiente interferem, de maneira muito próximos, no comportamento dos sujeitos.

O próprio ambiente de trabalho, independente qual seja, interfere significativamente nas atividades dos sujeitos, bem como dos colegas que compõem cada equipe.

Outras barreiras que podem ser encontradas nesses espaços são aquelas relacionadas pela natureza perceptual das coisas como, por exemplo, a falta de habilidade para algumas situações, quando a pessoas não consegue relacionar a situação problema com a própria situação, e assim, acaba não conseguindo visualizar ou ampliar o leque de possibilidades em prol do contexto em si.

Contribuindo com esse contexto, ora analisado, Wechsler (2002) afirma que os fatores que inibem a criatividade do professor, além da falta de preparo, são as questões pessoais que o inibem de ousar e buscar novas estratégias de ensino.

Aqui, ainda caberia outra crítica concentrada aos programas e projetos de formação inicial e continuada de professores, os quais surgem, muitas vezes, moldados em ideais prontos e acabados, funcionando com uma rigorosidade metódica que foge de uma proposta que valorize a iniciativa, a produção individual e a autonomia.

Alencar e Martínez (1998) realizaram estudo que nos traz algumas contribuições no que se relaciona à postura dos professores no sentido de identificar barreiras à criatividade no ambiente escolar. O estudo fora realizado com profissionais da Educação de Cuba, Brasil e Portugal.

Como uma conclusão resumida, podemos dizer que dentre os profissionais portugueses e brasileiros foram mais apontadas barreiras de

ordem pessoal, enquanto que dentre os profissionais cubanos foram apontadas questões de ordem social.

É interessante observar que aparecem com frequência, dentre os professores brasileiros, relatos que envolvem o medo de errar, o fracasso e, principalmente, a crítica, quando questionados sobre novas possibilidades de trabalho em sala de aula, o que pode ser explicado, talvez, pela insegurança dos mesmos em estabelecer novas maneiras de explorar seu potencial criativo.

Alencar e Martínez (1998) chamam atenção para o fato de que o cultivo da criatividade, no contexto escolar, depende necessariamente da atuação dos profissionais que estão diretamente ligados a este contexto, assim como às estratégias para a superação dessas barreiras.

Neste momento, poderíamos ainda repensar acerca das dificuldades encontradas pelos professores em razão de se ter maior segurança em inovar, e estas dificuldades não são algo exclusivo da classe de docentes, mas sim, de vários profissionais e em diversas áreas, pois toda situação nova gera um certo desconforto num primeiro momento, para, paulatinamente, ceder lugar à aceitação e ao desejo de mudar, de inovar e de recriar sempre que necessário e possível.

# CRIATIVIDADE INDIVIDUAL

**P**ara compreendermos o funcionamento das questões que envolvem a criatividade individual dos sujeitos, devemos, primeiramente, perceber que a base do estudo da criatividade pelo ponto de vista do sujeito está exatamente centrada no estudo da personalidade criativa.

Neste ensejo, passaremos a observar algumas das contribuições de autores para compreender o sujeito criativo.

Uma das importantes contribuições teóricas deste tema é apontada por Ángeles (1996:24-25), resumida aqui, que valida seu estudo recorrendo às carências e limitações do sujeito criativo para entender a personalidade criativa.

Ainda, segundo o autor, estas limitações, fundamentais para o estudo do sujeito criativo, giram em torno de cinco âmbitos:

- a. Esforço criativo: seriam os gastos de tempo em conseguir soluções criativas para seus problemas.
- b. Elementos necessários: outras realidades já criadas para o seu trabalho que, normalmente, são: o conhecimento e a experiência, que estão entre possíveis geradores de novas combinações e produções originais.
- c. Falta de controle sobre o processo: nunca a pessoa criativa tem o domínio completo sobre o processo. Até porque nos deparamos com prazos, abandonamos técnicas comuns e por vezes experimentamos diferentes processos.

- d. Não estar limitada a um âmbito concreto do saber: a criatividade se processa em qualquer campo de atividade. Isso não implica que ela seja a mesma em cada um deles.
- e. Não é exclusiva a um determinado tipo de indivíduo: aqui compreende a ideia de que toda pessoa pode ser criativa de algum modo, porém em diferentes graus que variam conforme suas experiências.

De acordo com os apontamentos do autor acima, é importante que o processo criativo seja analisado desde as características pessoais dos sujeitos bem como do próprio tempo gasto pelos mesmos na elaboração de ideias para a resolução de problemas, dos elementos necessários para a estruturação de atividades de trabalho, dentre outros.

Quanto ao quesito de falta de controle sobre o processo, é importante salientar que as pessoas criativas aproveitam todas as oportunidades para inovar, estabelecer parcerias entre seus pares de convívio, ampliando as possibilidades de agir e de criar, renovar.

Por fim, tal contribuição teórica nos mostra que não é privilégio de um indivíduo apenas a criatividade em algumas modalidades, é importante que preservemos a concepção de que toda pessoa produz, e muito, nas áreas que possui afinidade, nas áreas de atuação e nas questões que se desenrolam diante das dificuldades que surgem em nosso cotidiano.

Ainda, podemos dizer que as pessoas criativas não significam que não possuem dificuldades, ao contrário, são aquelas que encontram alternativas diversas para minimizar ou sanar suas dificuldades.

Entretanto, todos os sujeitos criativos, assim como qualquer pessoa, possuem suas limitações e carências, o que não inibe, de maneira alguma, a possibilidade destas serem superadas pelo próprio perfil de criar novas alternativas de trabalho e atuação em sua dinâmica de vida.

Segundo este parâmetro, Martínez (1999:46) descreve que “não podemos só levar em conta para medir a criatividade os fatores cognitivos - como os tradicionais testes de inteligência - e sim, também, os temperamentais, motivacionais de interesse, etc.

Estando ou não centrados nas questões dos aspectos cognitivos, o que se tem como resultados de muitas pesquisas é que dentre muitos estudos da personalidade humana, no que tange aos aspectos criativos, concebe-se como resultado numerosos registros desta mesma personalidade, intimamente ligada aos aspectos criativos.

Martínez (1999:47-48) destaca os principais, que são de grande valia, quando estudamos o sujeito criativo:

capacidade de detectar problemas, capacidade de percepção, interesse para com o novo, capacidade para detectar problemas,

curiosidade, tolerância com a ambiguidade, rapidez em produzir ideias, flexibilidade de pensamento e capacidade de síntese.

Dessa forma, de acordo com Martinez (1999), os sujeitos criativos são aqueles que percebem uma situação conflituosa e, ao mesmo tempo, analisam a situação, buscando uma ou mais soluções para a mesma.

Das três dimensões, segundo Guilford (in Martínez, 1999:50), o autor dá mais importância no estudo da criatividade para as “operações”, destacando a “produção divergente”.

Ainda, de acordo com Guilford (in Martínez, 1999:50), para a produção divergente é a criação da informação, a partir de determinada informação, onde a ênfase é colocada na variedade e na quantidade de rendimento da mesma fonte, capaz de implicar transferência.

Assim, para esta concepção teórica, há um estudo que relata que todas as produções divergentes caminham para o fato de que existem quatro atitudes que definem e permeiam o pensamento criativo, que são, respectivamente, a fluidez, flexibilidade, originalidade e elaboração.

Para o autor, o sentido de fluidez faz referências à quantidade de ideias geradas pelo sujeito diante de um determinado problema.

Neste ensejo, as ideias podem emergir com manifestações verbais, de ideias, associativa e expressiva.

Já a flexibilidade surge necessariamente articulada à necessidade de encontrar diversificadas soluções para um dado problema, e da forma com que este pode ser trabalhado em diferentes contextos. Requer adaptação e readaptação, sempre que precisar.

Sem contar os aspectos referentes à originalidade que, na verdade, revelam a própria criatividade em si.

Por último, uma característica marcante é a elaboração, a qual faz o sujeito criativo revelar a sua capacidade de agir com cuidado e cautela diante das situações que emergirem em seu cotidiano, ou seja, resolver conflitos utilizando originalidade e percepção das coisas, relacionando-as com a sua capacidade de criar e recriar outras possibilidades de ação.

Resumidamente, podemos dizer que a capacidade criadora surge sempre articulada a demais fatores que direta ou indiretamente estão fazendo com que se despertem algumas potencialidades ou não.

Assim, podemos relatar, de maneira bastante simplificada, que a criatividade individual ocorre quando todos os aspectos da personalidade do indivíduo afloram em seu meio de vida, sendo que para isso, muitas vezes, é necessária a influência do meio para que sejam despertadas tais habilidades e potencialidades.







# CRIATIVIDADE EM COLETIVOS HUMANOS

**P**or fim, esta última etapa de estudos deste material destaca as questões relacionadas à criatividade manifestada em coletivos humanos, ou seja, o potencial criador e criativo como ação especificamente humana desenvolvidas em espaços de utilização coletiva, ou ainda, de espaços que exijam ações voltadas e pautadas na coletividade.

Como premissa, precisamos ter em mente que a ação coletiva requer muito cuidado e atenção em sua execução, tanto que necessita de apoio de todos os pares envolvidos na ação ou na atividade laborativa ou outro.

Toda ação humana é essencialmente dotada de certa coletividade, visto que nenhum ser humano consegue viver na solidão, no isolamento.

Segundo Alencar & Fleith, (2003<sup>a</sup>), em decorrência de alguns acontecimentos, foi possível a percepção da criatividade a partir de mudanças no próprio sistema social ao que todo ser humano se encontra inserido, tal como a própria mudança na concepção do ser humano, que anteriormente era visto como um ser passivo, que apenas recebia orientações de seus superiores, ou ainda na percepção de ser humano como alguém acomodado ou reativo, passando para um ser ativo, curioso e explorador de suas ações.

Outro fator relevante, neste contexto, é o de que a própria concepção de criatividade foi alterada em virtude da necessidade emanada das esferas

sociais, culturais, individuais e de grupo, percebidas anteriormente apenas como um construto da inteligência, agora cede lugar para valorizar outras formas de construção humana.

Merece destaque especial também nesse momento as contribuições que recebemos da Psicologia, que é uma ciência que chama a atenção para o fato de que o ser humano é ilimitado em suas potencialidades bem como priorizam as questões de sua realização enquanto pessoa, portanto, podem explorar a qualquer momento seu potencial criativo.

Por último, podemos citar novamente Alencar (2001) quando enfoca o ser humano á sua imensa capacidade criadora e inovadora, sempre que é estimulado para tal.

Para evidenciar a criatividade na questão da coletividade requer certamente que a consideremos tanto quanto às características individuais como naquelas que emergem na troca de experiências, na busca pelo novo bem como nas formas de manifestação de aprendizagens, tanto na educação formal como informal.

A criatividade na questão dos coletivos se refere à potencialidade criativa, só que agora manifestada em grupos, o que requer dos sujeitos a capacidade de saber ouvir, de agir com outras pessoas, o que pode ocorrer de maneira muito expressiva na instituição escolar, tal como afirma Martinez (1994) quando nos traz como premissa que a verdadeira criatividade é favorecida na escola por um clima permanente de liberdade mental, uma atmosfera que estimula, promove e valoriza o pensamento divergente e autônomo, a discrepância, a oposição lógica, a crítica fundada.

Assim, percebemos que a ação criativa nos coletivos contempla, de uma forma resumida, a ação dos sujeitos no grupo, onde outras características precisam ser estruturadas, de acordo com todas as outras questões expostas nos demais itens deste texto, contribuindo de maneira positiva e significativa para o aprimoramento das capacidades e potencialidades humanas.

Por fim, este item surge articulado a todas as outras formas de manifestação de criatividade, podendo interferir na conduta individual, na conduta do grupo e nas diversas aprendizagens de seus pares.

Criatividade coletiva é saber valorizar cada ser em particular no grupo a que se pertence, e destes, em demais contextos onde a mesma se manifesta.

# CONSIDERAÇÕES

**A** criatividade é um processo mental complexo e de extrema importância para todo o desenvolvimento da humanidade. Podemos dizer que esta característica, tipicamente humana, promove os diversos campos de conhecimento pelos quais deve passar a humanidade.

Apesar da importância de sua temática no meio educacional, são recentes os estudos e pesquisas nessa área da cognição.

O caráter criativo e as inovações criadoras humanas só fazem sentido quando socializadas ao grupo que pertencem, e com os demais grupos com os quais os indivíduos se relacionam.

Da mesma forma, criatividade e inovação se relacionam intimamente e são fatores essenciais para o crescimento individual das pessoas e das organizações ou demais ambientes dos quais façam parte.

Num ambiente de instituição escolar, por exemplo, existe uma necessidade enorme de inovar, de criar, de recriar e de expandir novas ideias objetivando o aprimoramento e a qualidade do trabalho a ser desenvolvido, visto que estamos tratando de formação humana.

Ainda, foi importante perceber, no estudo deste texto, que a criatividade e suas aplicações são questões pontuais que merecem ser divulgadas e apreciadas por todos que puderem ter acesso, visto que é algo interessante a qualquer ser humano em qualquer fase de sua vida.

Deste modo, podemos dizer que a criatividade resulta de elementos que são de fato inéditos a cada situação, ao novo, ao inesperado. Portanto,

relacionada às condições ambientais, emerge como uma nova forma de se realizar e determinar certa tarefa, ou ainda, num novo artefato para se atender requisitos ainda não observados.

Ressaltamos que todo processo criativo não surge isolado de outros fatores, mas sim, influencia e é influenciado pelo meio, além de que suas interações entre um grupo podem influenciar as ações de todos os seus membros.

De uma forma bastante objetiva, buscou-se com o presente texto abordar a temática criatividade, atrelada a todos os fatores que a envolvem, desde a sua origem até as suas influências do e no meio onde esta se manifesta por meio dos sujeitos criativos. Retratou, com objetividade, que a criatividade se embasa no histórico dos sujeitos e dos grupos sociais dos quais ele faz parte.

Por fim, podemos dizer que a ação criativa também pode ser temporal, dependendo do estado emocional de seus criadores, o que depende consideravelmente do contato entre sujeito e ambiente ou entre os próprios sujeitos, razão de ocorrerem mudanças, tanto anteriormente quanto posteriormente a uma ação criativa.

Concluindo, a criatividade é uma ação decisivamente humana que envolve a todos os sujeitos de uma maneira ou outra, cabendo ao profissional da educação, em específico aos professores, repensar suas práticas bem como planejá-las buscando em si e em seus alunos, diversificadas forma de manifestação criativa, em diferentes espaços, formas e momentos históricos.

Talvez esteja nessa concepção uma das melhores alternativas de trabalho pedagógico.

# REFERENCIAS

ALENCAR, E. M. L. S. de. **O perfil do professor facilitador e do professor inibidor da criatividade segundo estudantes de pós-graduação.** Boletim da Academia Paulista de Psicologia . São Paulo, v. 19, n.1, p. 84-94, jan. 2000.

\_\_\_\_\_. **Criatividade em cursos universitários: o papel do professor.** I Seminário interno sobre educação superior da Universidade Católica de Brasília.. Brasília: Universa, 2001.

\_\_\_\_\_. **O contexto educacional e sua influência na criatividade.** Linhas Críticas . Brasília, v. 8, n. 15, p. 165-178, jul./dez. 2002.

ALENCAR, E. M. L. S. de; FLEITH, D. de S. **Criatividade- múltiplas perspectivas** . 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

ALVES, R. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir.** 9.ed. São Paulo: Papirus, 2006.

ARROYO, M. G. **Imagens quebradas:** trajetórias e tempos de alunos e mestres. 3ª ed. São Paulo: Vozes, 2004.

ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS Disponível na internet por http em: <http://www.psiqweb.med.br/site/DefaultLimpo.aspx?aea=ES/VerDicionario&idZDicionario=117> . Acesso em 18 julho de 2014

BOUFLEUER, J. P. Pedagogia da ação comunicativa: uma leitura de Habermas. In: MEDEIROS, A. M. S de e BARBOSA, J. G. O. **O pedagógico na escola: razão da administração escolar**. São Paulo, 2009

COTO, G. C., MORETTO NETO, Luis e PACHECO, A.S. **Criatividade dentro da educação**: um estudo de caso do curso de Administração da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Revista de Ciências de Administração da UFSC, Vol. 11, mayo-agosto, 2009.

FLEITH, D. de S.; ALENCAR, E. M. L. S. de. **Escala sobre o clima para criatividade em sala de aula**. Psicologia : Teoria e Pesquisa. Brasília, v. 21, p. 85-91, jan./abr. 2005.

KOHAN, W. O. **Infância. Entre educação e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Criatividade, personalidade e educação** . São Paulo: Papirus, 1997

OLIVEIRA, Débora Pereira; SILVA, Dener Luiz da; CAVALCANTE, Rita Laura Avelino. **Barreiras à criatividade e reflexões sobre o papel do professor**. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL, 10, 2011, Maringá. Anais X CONPE, Maringá: UEM, 2011. p. 1-14.

OLIVEIRA, Zélia Maria Freire de. **Fatores influentes no desenvolvimento do potencial criativo**. Estudos de Psicologia . Campinas. v 27(1), p 83 -92, janeiro -março, 2010.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação** . 24 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

PACHECO, J. Escola dos sonhos existe há 25 anos. In: ALVES, R. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 9ª ed. São Paulo: Papirus, 2006.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Reflexões sobre a Escola da Ponte**. Revista da Educação AEC, Brasília, v. 35, nº 141, 2006.

